

Brumadinho além da lama: imagem e a relação de pertencimento da população atingida com o território em contexto pós desastre-crime¹

Ana Patricia Barbosa de SOUSA²
Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG

RESUMO

O presente trabalho, em fase de elaboração³, pretende investigar a relação da imagem no processo de territorialização da população atingida pelo rompimento da barragem da Vale em Brumadinho, MG. A memória é apresentada como um elemento importante para construção de identidade e coesão diante das mudanças, causadas por desastres, evidenciando a importância da fotografia como meio de fortalecimento da identidade e da territorialidade. A pesquisa buscará compreender como a imagem pode fortalecer o sentimento de pertencimento da população atingida com o território.

PALAVRAS-CHAVE: Imagem; Território; População Atingida; Memória.

INTRODUÇÃO

Com o desastre do rompimento da barragem da Mina Córrego do Feijão da empresa Vale S.A na cidade de Brumadinho, Minas Gerais, ocorrido em 2019, as notícias sobre Brumadinho em diversos veículos de comunicação estão relacionadas ao desastre do rompimento da barragem, provocando incômodos à população atingida, causando com isso uma revitimização dos danos na medida em que a cidade passou a ser estigmatizada pelos impactos gerados pelo rompimento.

Além de Brumadinho o rompimento impactou outros 25 municípios que fazem parte da Bacia do Rio Paraopeba, com a contaminação de cerca de 12 milhões de m³ de lama de rejeito de minério despejados no rio, gerando diversos danos, entre eles podemos citar os danos relacionados ao patrimônio cultural que são: a) destruição, interrupção ou alteração de estruturas arquitetônicas, parte destas relacionadas ao exercício da religiosidade; b) alteração ou interrupção de festejos locais; aos modos de vida; c)

¹ Trabalho apresentado no GP Fotografia, 24º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda do curso de Comunicação Social do PPGCOM-UFMG, e-mail: apatriciasousa33@gmail.com.

³ O presente trabalho está em fase de elaboração, constituindo projeto de tese da autora com orientação do prof. Dr. Camilo de Oliveira Aggio.

desarticulação dos laços afetivos, assim como alteração ou interrupção nos bens naturais como cachoeiras, córregos e nascentes, entre outros.⁴

A pesquisa proposta se concentra na cidade de Brumadinho, não só por ser o epicentro do desastre – ou seja, a cidade foi afetada pelo espalhamento da lama de rejeito de minério de ferro – mas também pela experiência e vivência da autora no território enquanto moradora, que a partir do seu trabalho tem um contato direto com a população atingida, o que garante a viabilidade da pesquisa.

O rompimento de uma barragem de rejeito de minério é o ápice das violações de direitos provocadas pela atividade minerária, levando à expulsão e consequente desterritorialização da população atingida de suas casas, seu núcleo familiar, laços afetivos, suas tradições, modos de vida, seu bairro/comunidade e cidade.

No território atingido por rompimento de barragem é possível identificar situações de vulnerabilidades que foram geradas e/ou agravadas pelo desastre, neste ínterim, a imagem como veículo de comunicação e informação pode auxiliar o fortalecimento dos vínculos de pertencimento dos atingidos com o território. Ao mesmo tempo, é importante salientar que a população atingida exposta à diversas situações de vulnerabilidade é também construtora de sua história e sua realidade, conforme Marques (2018, p. 10) “ser vulnerável não pode se confundir com a produção de uma vítima incapaz e passiva”, ou seja, há um agenciamento da população atingida acerca de sua realidade e de sua história.

É possível, por meio da imagem, compreender os comportamentos, costumes e ações construídos pelos sujeitos que constituem a construção identitária de um território

⁴ Para mais informações acerca dos danos causados nos municípios atingidos da Bacia do Paraopeba pelo rompimento da barragem da Vale em Brumadinho ver a Matriz Emergencial Preliminar de Danos elaborada pelas Assessorias Técnicas Independentes (ATIs) que assessoram esses municípios:

- a) Região 1: ASSOCIAÇÃO ESTADUAL DE DESENVOLVIMENTO AMBIENTAL E SOCIAL. Matriz Emergencial: matriz de medidas reparatórias emergenciais – Região 1. Belo Horizonte: AEDAS, 2021. Disponível em: https://aedasmg.org/wp-content/uploads/2022/02/20210108_AEDAS_PAR_R1_JUR_MATRIZMEDIDASEMERGENCIAIS.pdf. Acesso em: 30 nov. 2023.
- b) Região 2: ASSOCIAÇÃO ESTADUAL DE DESENVOLVIMENTO AMBIENTAL E SOCIAL. Matriz Emergencial: matriz de medidas reparatórias emergenciais – Região 2. Belo Horizonte: AEDAS, 2021. Disponível em: https://aedasmg.org/wp-content/uploads/2022/02/20210108_AEDAS_PAR_R2_JUR_MATRIZMEDIDASEMERGENCIAIS_V2.pdf. Acesso em: 30 nov. 2023.
- c) Região 3: NÚCLEO DE ASSESSORIA ÀS COMUNIDADES ÀS COMUNIDADES ATINGIDAS POR BARRAGENS. Matriz de Danos Preliminar – Região 3. Belo Horizonte: NACAB, [2021]. Disponível em: https://nacab.org.br/wp-content/uploads/2022/07/DIGITAL_Matriz-de-Danos-Preliminar.pdf. Acesso em: 30 nov. 2023.
- d) Regiões 4 e 5: INSTITUTO GUAICUY. Matriz de Danos: Análise dos Danos identificados nas regiões 4 e 5. Belo Horizonte: GUAICUY, 2022.

e em casos de contextos pós-desastres, torna-se possível compreender a recomposição dos acontecimentos, personagens e cenários.

Essas práticas de construção identitária são permeadas pela dimensão da memória no que diz respeito ao registro, preservação, perpetuação e visibilidade dos acontecimentos da história de uma sociedade. Deste modo, é possível compreender a relação existente entre território, relação de pertencimento e memória, assumindo-se que a memória é produto das relações sociais, que se verifica na medida em que determinadas informações “que se referem ao passado de um grupo são reunidas e relacionadas entre si”, dando um sentido de “compartilhamento de passados” constantemente em construção (AZEVEDO NETTO, 2007, p. 14).

Neste ínterim a fotografia, dentro do campo da imagem, pode ser um importante meio de registro, preservação, perpetuação e visibilidade da memória coletiva de um território. Com isso, adota-se como pressuposto conceitual para este estudo que “a fotografia é uma imagem narrativa, aliada à memória, com seus personagens e cenários” e que “a imagem fotográfica em sua estética concreta materializa a memória e em contrapartida cede espaço a subjetividade de interpretações do momento registrado” (ROMANOVSKY, 2009, p. 362).

Salientamos a importância da imagem como registro de fatos e acontecimentos que marcaram a história de um povo, como no caso do rompimento da barragem, para que não sejam esquecidos. Permitindo, com isso, que a população continue lutando pelos direitos que foram violados e pela reparação integral dos danos. Mas o que existe além da lama de rejeito em Brumadinho? Quais as práticas sociais que resistem à expulsão e desterritorialização causadas pela mineração e pelo rompimento da barragem? Como é possível reconstruir a memória coletiva, existir e resistir no território atingido?

Neste sentido, temos como pergunta norteadora para esse trabalho: “Qual a relação da imagem no processo de territorialização da população atingida pelo rompimento da barragem de rejeito de minério de ferro da empresa Vale S.A. na cidade de Brumadinho-MG?”

Deste modo, pretende-se investigar como se dá a relação da imagem no processo territorialização da população atingida pelo rompimento da barragem da Vale em Brumadinho, visto que ao dar visibilidade aos elementos que fazem parte da construção identitária da população atingida é possível fortalecer a relação de pertencimento com seu

território na medida em que se veem na imagem como pertencente à construção sócio-histórica do território atingido.

MINERAÇÃO, TERRITÓRIO E IMAGEM: RELAÇÕES

A atividade minerária tendo o rompimento de barragem como o ápice da violação de direitos está relacionada com o modelo de desenvolvimento baseado no lucro e na acumulação de capital por parte de grandes empresas. Gerando com isso, não somente a destruição como a apropriação da natureza, a exploração dos bens naturais e dos trabalhadores e trabalhadoras, sem pensar nas vidas ceifadas ou alteradas de forma negativa em função do lucro. Além disso, provoca à expulsão e consequente desterritorialização da população atingida de suas casas, seu núcleo familiar, seus laços afetivos, suas tradições, seus modos de vida, seu bairro/comunidade e cidade.

O alto lucro das mineradoras é sustentado não somente pela quantidade de minério que produz, mas também “como” essa produção é feita. Neste sentido, o Movimento dos Atingidos por Barragens – MAB (2019) cita nove, das ações da Vale nos territórios em que a empresa explora o minério de ferro, das quais sustentam os lucros cada vez maiores, são elas: a) desvalorização da força de trabalho; b) aproveitamento máximo das máquinas e equipamentos; c) metas de produção elevadas com assédio aos trabalhadores/as; d) tentativa de cooptação, controle e perseguição de sindicatos de trabalhadores/as; f) exploração máxima dos bens naturais (e com isso, a negligência e pressão para flexibilização das leis ambientais); g) desrespeito com comunidades atingidas, incluindo povos tradicionais e indígenas; h) captura de estruturas do Estado (órgãos e setores como pressões à Agência Nacional de Mineração entre outras); i) negligência com a segurança, é responsável por dois maiores crimes socioambientais do Brasil: rompimento da barragem de Fundão em Mariana e rompimento da barragem da Mina Córrego do Feijão em Brumadinho; j) despreparo e descontrole das questões de segurança que dizem respeito aos atingidos pelos crimes.⁵

São essas ações que coadunam em desastres ambientais provocados pelas mineradoras, o lucro gerou o desastre do rompimento da barragem da Vale em Brumadinho, e por consequência gerou uma desarticulação no território causado tanto

⁵ MAB. *O Lucro não vale a vida: análise do MAB sobre o crime da Vale em Brumadinho/MG*. Ministério do Desenvolvimento Agrário – MDA: Brasília, DF, 2019. Disponível em: <https://issuu.com/mabnacional/docs/cartilha-brumadinho-2019-web>. Acesso em: 30 nov. 2023.

pelo deslocamento forçado quanto pela alteração nos modos de vida, costumes e tradições, afetando a vida de todas as pessoas que foram atingidas.

As mineradoras nos territórios tornam ainda mais aceleradas e predatória a relação entre ser humano e natureza causando o que Milton Santos (2006) chama de “crise ecológica”. O autor distingue os eventos naturais dos eventos sociais ou históricos, os primeiros dizem respeito ao movimento da natureza, que muda pela sua própria dinâmica. Os eventos sociais ou históricos são resultado da ação humana e seus efeitos sobre a natureza. Deste modo, é possível compreender que o desastre do rompimento da barragem da Vale em Brumadinho é um evento social resultado da ação humana e seus efeitos sobre a natureza, é considerado um evento social, pois transformou as coisas e objetos, atribuindo novas características.

Tratamos nesta pesquisa o conceito de território não somente como recurso, mas em sua dimensão simbólica, neste contexto a memória é compreendida como um meio de garantia de sustentação da identidade e permanência dos indivíduos no território, tendo a fotografia como sua “aliada”. A fotografia é evidenciada como um meio de apropriação do indivíduo acerca de sua realidade, fortalecendo os vínculos antes fragilizados pelo trauma do desastre e dos impactos da atividade minerária predatória.

Nesse sentido da dimensão simbólica, podemos tratar aqui da noção de territorialidade colocada por Haesbaert (2010) que seria a “dimensão imaterial” e “simbólica” do território. Inclusive, o território pode não existir ainda de forma concreta, mas a territorialidade pode existir como uma representação, como uma “imagem” do que pode vir a ser, ou do que está sendo, portanto, para que o território exista é preciso haver a territorialidade. O autor reforça ainda que, além de compreender a territorialidade enquanto dimensão, há também o entendimento dela enquanto “condição” para existência da relação com o território.

Em territórios atingidos ocorre com certos grupos sociais o processo de deslocamento forçado de um território para outro. De forma simultânea, há um processo de desterritorialização sem o deslocamento em seu sentido literal, ou seja, o deslocamento cultural, que configura as mudanças de costumes, tradições, valores e modos de vida.

Esses fatores os transformam em migrantes do próprio território a que pertencem, precisando criar novas experiências e uma “terceira via” de

entendimento do próprio território, onde agora o “novo território” obriga a viver novas experiências para criar uma nova memória, onde aos poucos vai absorvendo conhecimentos novos, mas ainda de forma fragmentada. (SANTOS, 2006).

É neste sentido que podemos afirmar que a memória se torna um meio de garantir a coesão para permanência e para a elaboração do futuro (SANTOS, 2006), ou seja, a memória é importante para garantir o sentimento de relação de pertencimento dos indivíduos em seus grupos e em seus territórios, ou seja, de sua territorialidade.

Nossas lembranças são como uma “costura dos retalhos” de recordações dos nossos antepassados.

As lembranças grupais se apoiam umas nas outras formando um sistema que subsiste enquanto puder sobreviver a memória grupal. [...] É preciso estar sempre confrontando, comunicando e recebendo impressões para que nossas lembranças ganhem consistência (BOSI, 1994, p.414).

É essa “consistência” que torna a memória o “elemento de coesão garantidor de permanência” apontada por Milton Santos (2006, p. 223), ou seja, a memória constitui um elemento de continuidade de uma cultura e de identidade de um território. A construção da identidade se dá na construção dos sujeitos com diversas realidades, a busca pela identidade se realiza pela rememoração do passado para os indivíduos se situarem no mundo. E essa rememoração se dá pelas memórias coletivas e individuais que podem se confundir nos sentimentos, fatos, interesses e as próprias relações de poder do que se quer ser esquecido e lembrado.

A identidade é o laço entre o passado, o presente e a possibilidade de criação de um futuro na transmissão das tradições para gerações futuras. É a ligação do nosso cotidiano com as relações sociais existentes no território em que vivemos.

[...] O que denominamos “nossas identidades” [...] são ocasionadas por um conjunto especial de circunstâncias, sentimentos, histórias e experiências únicas e peculiarmente nossas [...]. Nossas identidades são, em resumo, formadas culturalmente (HALL, 2000, p. 7).

Nessa perspectiva a fotografia como um meio de manutenção ou de criação para novas memórias é possível inferir sobre sua importância no processo de territorialização dos indivíduos em contextos de desastres, onde muitas destas

memórias foram apagadas ou alteradas pelos impactos do rompimento e pelo próprio trauma em si. Os eventos, neste caso, citamos os desastres-crime de rompimento de barragem, podem apagar os conhecimentos e saberes já existentes exigindo com isso a apreensão e criação de novos saberes. (SANTOS, 2006, p. 223).

Neste sentido, é possível inferir sobre uma das características da imagem, que é a construção e reconstrução da memória coletiva e social na medida em que possibilita evidenciar um fato, acontecimento, costumes e tradições. A fotografia “é uma parte e uma extensão daquele tema; e um meio poderoso de adquiri-lo, de ganhar controle sobre ele. Fotos fornecem formas simuladas de posse: do passado, do presente e até do futuro.” (SONTAG, 2004, p. 172, 183).

Portanto, é possível compreender a fotografia como um meio de apropriação sócio-histórica pelos sujeitos dos fatos registrados na imagem, proporcionando o sentimento de pertencimento, para assim dar continuidade às suas tradições, acompanhando suas vivências, que representam histórias e reproduzem memórias. Isto posto, a produção de imagens em processo de territorialização pode ser um insumo, seja como recurso, seja como um meio de apreensão e compreensão acerca da realidade, de construção de ideias ou ideais, ou como uma forma de apropriação dos sujeitos da própria história fortalecendo o sentimento de identidade e de vínculos afetivos entre si e com o território.

MEMÓRIA E IMAGEM: FOTOGRAFIA E PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA

Preservar a memória parte de uma ação de reunir e reviver tudo que aconteceu, e que não pode ser esquecido. “A distinção passado/presente que aqui nos ocupa é a que existe na consciência coletiva, em especial na consciência social histórica.” (LE GOFF, 2003, p. 209). O passado, que é, por definição, “um dado que coisa alguma pode modificar”, ao ser conhecido é coisa em progresso, “que ininterruptamente se transforma e se aperfeiçoa” (BLOCH, 1974, p. 55). Do mesmo modo, o presente carrega consigo os desejos, e aspirações do futuro. Eis então, o papel da memória: contribuir na reconstrução do passado, para compreensão do presente e determinar os atos futuros.

Compreende-se, nesse contexto, que as memórias ao longo da vida dos sujeitos podem ser individuais, quando se remetem à percepção de cada um, ou podem se constituir pelo sentimento de pertencimento do indivíduo a um grupo e que se reconheça

no meio em que vive, como sujeito dessa história. Essa memória coletiva, argumenta Halbwachs (1990, p. 53) “[...] envolve as memórias individuais, mas não se confunde com elas”, pois se vincula à cultura

[...] e imuniza o organismo coletivo contra a desordem da agressão. Ela é uma espécie de guardiã da integridade de um “nós”, que garante a sobrevivência de um grupo pela partilha entre indivíduos que são comuns. Desta maneira, opera como corpo, para fazer passar de ontem para hoje o corpus de conhecimentos, valores ou experiências que consolidam a identidade de um grupo. (BARRETO, 2007, p. 163).

A partir dessas premissas, é possível inferir que tratamos a história do grupo em que vivemos como nossa própria história, como, por exemplo, os acontecimentos que marcaram, contribuíram e contribuem para a construção sócio-histórica do grupo ao qual pertencemos, fazendo deste o suporte da nossa memória.

A memória pode ser entendida enquanto representação dos comportamentos, costumes e valores, ou seja, da cultura e da própria identidade do grupo e a imagem como representação dessa memória. “Assim a construção identitária é tanto simbólica quanto social”, em que damos sentido às nossas práticas e relações sociais, onde os “significados são produzidos, posicionando-nos como sujeitos”. Neste sentido, a representação tem seu papel simbólico para compreensão do mundo e nossas relações no território. (WOODWARD, 2000, p. 52,53).

O conceito de representação que aqui nos interessa está relacionado à procura de formas para tornar o “real” presente, como um meio de apreendê-lo por meio de “sistemas de significação”, em especial a “representação externa por meio de signos como a” linguagem, a gravura, ou seja, por meio da imagem. “Representar significa, neste caso, dizer: ‘essa é a identidade’, ‘a identidade é isso’. (SILVA, 2000, p. 90-91).

A memória constitui um elemento de continuidade de uma cultura e da própria identidade de um grupo ou sociedade. A construção da identidade se dá na construção dos sujeitos com diversas realidades, a busca pela identidade se realiza pela rememoração do passado para os indivíduos se situarem no mundo. E essa rememoração se dá pelas memórias coletivas e individuais que podem se confundir nos sentimentos, fatos, interesses e as próprias relações de poder do que se quer ser esquecido e lembrado.

Nessa perspectiva, a fotografia pode estar associada à preservação da memória à qual retrata, reflete, testemunha e reproduz. Ao ser transmitida, a memória permite

reflexões e interpretações pelos sujeitos sobre sua própria existência, incluindo suas atitudes, crenças, moral e ética, o que permite o vínculo à cultura da qual faz parte, o que poderia, inclusive, provocar a transformação da sua realidade.

Deste modo, é possível inferir sobre uma das características da imagem, que é a construção e reconstrução da memória coletiva e social na medida em que pode pôr em evidência um fato ou acontecimento. Portanto, a fotografia é aqui tratada sob a ótica da apropriação social entendendo que esta possibilita a materialização da memória, revelando as intenções presentes na conservação e preservação de fatos e acontecimentos que fazem parte da história dos sujeitos e grupos e na atribuição de significados para constituírem parte dessa história.

Neste sentido, é possível compreender a fotografia como um meio de apropriação sócio-histórica pelos sujeitos dos fatos registrados na imagem, proporcionando o sentimento de pertença, para assim dar continuidade às suas tradições, acompanhando suas vivências, que representam histórias e reproduzem memórias. A imagem fotográfica pode ser considerada resultado de um processo causal, ou seja, aspecto que atravessou os discursos da história e da teoria do meio ao qual foi produzida (PICADO, 2020).

A memória é formada pelo coletivo de pensamentos e lembranças do passado. A sua preservação, além de ser uma conquista, pode ser também um instrumento de poder. Afirma Gondar (2003, p. 32), que “todo poder político pretende controlar a memória, selecionando o que deve ser lembrado e o que deve ser esquecido”, cria valores, desejos, modos de expressão e modos de pensar, já que as informações que constituem a memória pode ser um recurso de legitimação desse poder. Diante disto, a memória por meio de sua preservação e acesso, tem um papel fundamental de manter viva e de mostrar a história contada por aqueles que a vivenciaram.

Neste viés, compreende-se a fotografia como meio de registro dos acontecimentos que constituem a memória de um povo, bem como, seus modos de vida, tradições e costumes, é, portanto, um veículo de comunicação e construto social por ser uma forma de apreensão da realidade pelo conteúdo que representa.

Assim, a fotografia seria um dos veículos de preservação desta memória capaz de construir uma nova consciência de fortalecimento a convivência social. A fotografia, pode constituir-se em instrumento de luta socioecológica pois a realidade por ele expressa é a

realidade de uma comunidade capacitada a expressar coerente e institucionalmente sua realidade sociopolítica e ambiental e assim fortalecer sua cidadania.

METODOLOGIA

O *corpus* será identificado como o montante de fotografias do recorte escolhido dos registros fotográficos a serem elaborados como atividade de campo da pesquisa, das quais serão selecionadas junto às pessoas atingidas participantes da pesquisa, as mais expressivas, por descreverem e darem visibilidade às práticas dos/as atingidos/as em seus territórios que geram ou fortaleçam a relação de pertencimento com os grupos e comunidade às quais se relacionam, ou seja, que expressem ou proporcionem a relação de pertencimento dos/as atingidos/as em seus territórios, diante de um contexto pós-desastre de rompimento de barragem.

Os participantes da pesquisa serão os/as atingidos/as pelo rompimento da barragem da mina Córrego do Feijão da empresa Vale S.A. ocorrido em 25 de janeiro de 2019 na cidade de Brumadinho no estado de Minas Gerais.

Para a devida compreensão dos elementos constituintes da imagem a ser registrada, pretende-se submetê-las à narrativa fotográfica, a construção desta permitirá interpretação dos registros fotográficos pela população atingida com base no roteiro de entrevista que permitirá uma análise e interpretação aprofundada sobre os modos de vida, manifestações culturais dentre outros elementos que constituem a construção identitária das pessoas atingidas no território.

O documento fotográfico pode ser entendido como um caminho de investigação e elucidação do passado. Assim, a fotografia pode ser entendida como o resultado da ação do homem, que num dado intervalo de tempo seleciona um assunto, seja por sua vontade ou por incumbência, utilizando a tecnologia de que dispõe para “congelar” esse momento. (BRITO, 2010, p. 10, grifo do autor).

A narrativa fotográfica visa apresentar a descrição do que é percebido na imagem. Mas, essa imagem quando ligada a outras, permite acrescentar às narrativas maiores detalhes e sequências de acontecimentos. As narrativas impedirão o esquecimento do passado, revivenciando-o para a compreensão do contexto histórico em que a imagem está inserida, o antes, o durante, o depois do ato fotográfico e os fatos que estão no

entremeio do lembrar e do esquecer nessas etapas, portanto, as narrativas fotográficas serão construídas com junto aos participantes da pesquisa.

O processo de elaboração das imagens, assim como o processo de construção do *corpus* da pesquisa e posterior identificação e análise das fotografias dar-se-á por meio de entrevistas aplicadas aos/as atingidos/as participantes da pesquisa (Quadros 1 e 2):

Quadro 1 – Perguntas e respectivos objetivos a serem adotadas nas entrevistas antes de elaboração dos registros fotográficos

PERGUNTAS	OBJETIVOS
Nome, idade, dados étnico-raciais e identidade de gênero	Identificação Reconhecimento do participante/atingido/a.*
Comunidade/bairro	Origem do/a entrevistado/a.
Idade	Compreender a percepção geracional.
Você sente que as imagens que são divulgadas após o rompimento da Vale S.A. em Brumadinho (após janeiro de 2019) refletem o cotidiano e realidade vivida pela população local? Por quê?	Percepção da população atingida sobre representações externas em relação ao seu cotidiano em território atingido.
Quais aspectos/elementos da sua realidade cotidiana você acha que não são mostrados nas imagens e narrativas divulgadas sobre Brumadinho?	Identificar elementos específicos que a população atingida sente que não são representados nas imagens e narrativas divulgadas sobre Brumadinho.
Como as mudanças nas imagens divulgadas sobre Brumadinho afetaram o sentimento de identidade e pertencimento das pessoas atingidas de sua comunidade/bairro?	Compreender o impacto das transformações que as imagens divulgadas sobre Brumadinho afetaram a relação de pertencimento dos/as atingidos/as com o território.
O que você gostaria de mostrar nas fotografias da sua comunidade/bairro ou sobre Brumadinho que podem preservar e dar visibilidade na	Entender qual ou quais elementos do cotidiano do território aos quais os/as atingidos/as gostariam de dar visibilidade.

identidade da população com o território atingido de Brumadinho?

*A identificação da pessoa atingida será utilizada apenas para fins de contextualização do conteúdo da entrevista, com isso a autora garante o sigilo dos dados pessoais fornecidos pelos participantes da pesquisa.

Fonte: Autora.

Quadro 2 – Perguntas e respectivos objetivos a serem adotados nas entrevistas para identificação e análise do *corpus* da pesquisa

PERGUNTAS	OBJETIVOS
Nome, idade, dados étnico-raciais e identidade de gênero	Identificação Reconhecimento do sujeito*
Comunidade/bairro	Origem do/a entrevistado/a.
Qual ou quais fotografias dão visibilidade a práticas dos/das atingidos/as ou elementos geram ou fortalecem a relação de pertencimento com o território, diante do contexto pós-desastre de rompimento de barragem?	Definição do recorte da pesquisa: compreensão das fotografias mais expressivas, que descrevam e deem visibilidade às práticas dos/as atingidos/as em seus territórios que geram e/ou fortaleçam a relação de pertencimento com os grupos e comunidade às quais se relacionam.
Observando esta fotografia quais elementos ou aspectos fortalecem seu sentimento de pertencimento com o território atingido?	Definição dos elementos que proporcionem a relação de pertencimento dos/as atingidos/as em seus territórios, diante de um contexto pós-desastre de rompimento de barragem.
Como esta fotografia pode ajudar a fortalecer o sentimento de pertencimento dos atingidos ao território?	Compreender a contribuição da fotografia para o fortalecimento de sentimento de pertencimento e identidade com o território atingido.
Qual a narrativa que essa fotografia transmite sobre Brumadinho?	Refletir como a imagem pode auxiliar na construção identitária do território atingido.

*A identificação da pessoa atingida será utilizada apenas para fins de contextualização do conteúdo da entrevista, com isso a autora garante o sigilo dos dados pessoais fornecidos pelos participantes da pesquisa.

Fonte: Autora.

Com isso, pode-se compreender a entrevista como instrumento que possibilita a captação e registros de informações relatadas pelos participantes da pesquisa, conforme Guinchat e Menou (1994, p. 42), as fontes de informação, assim como os textos escritos “[...] nascem a partir de um documento [...] ou pessoas fontes, que consistem em pessoas que irão garantir a autoridade acerca de determinado assunto, segundo seu grau de conhecimento e as relações profissionais por elas estabelecidas”.

As entrevistas auxiliarão na elaboração dos registros fotográficos, composição dos relatos e análise das fotografias, permitirão com isso, a compreensão e identificação dos seguintes elementos: a) relação de pertencimento dos atingidos com o território diante de um contexto pós-desastre de rompimento de barragem; b) relação da imagem nesse contexto; c) elementos constituintes da construção identitária do território atingido, d) elementos que fortalecem a relação de pertencimento da pessoa atingida com o território.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A produção de riscos ambientais e os deslocamentos forçados são consequências não somente do desastre de rompimento de barragem, mas da própria atividade minerária predatória que, além dos impactos físicos, provoca mudanças culturais e sociais, tornando as pessoas que foram atingidas, migrantes mesmo sem haver o deslocamento de forma física de seus territórios.

Neste ínterim, podemos compreender a importância da memória como elemento de garantia da coesão e sustentação para a identidade diante de eventos traumáticos como o desastre do rompimento da barragem da Vale em Brumadinho. E, a fotografia como aliada da memória, pode captar e perpetuar os comportamentos, costumes e ações que constituem a identidade de um território, especialmente em contextos pós-desastres. Ela contribui para a preservação e visibilidade da memória coletiva, essencial para que a história e os direitos da população atingida não sejam esquecidos.

Além de documentar a tragédia, a imagem pode revelar as práticas sociais que resistem à expulsão e à desterritorialização, possibilitando um meio de reconstruir a memória coletiva e fortalecer a identidade dos atingidos com o território.

Deste modo, a pesquisa busca investigar como a fotografia pode auxiliar no processo de territorialização da população atingida de Brumadinho que, compreendendo que ao dar visibilidade aos elementos que constituem a identidade possibilitará o fortalecimento da relação de pertencimento da população atingida com seu território.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO NETTO, C. X. Informação e memória: as relações na pesquisa. *Revista História em Reflexão*, Dourados, RS, v. 1, n. 2, p.1-20, jul./dez. 2007. Disponível em: http://ojs.ws.ufgd.edu.br/index.php?journal=historiaemreflexao&page=article&op=view&path%5B%5D=412&path%5B%5D=302_pesquisa. Acesso em: 7 jul. 2016.

BARRETO, M. A. Memória e sociedade contemporânea. *Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina*, Florianópolis, v.12, n.2, p. 161-176, jul./dez. 2007. Disponível em: <http://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/506/651>. Acesso em: 20 maio. 2023.

BLOCH, M. *Introdução à História*. 2. ed. Lisboa: Publicações Europa-América, 1974.

BOSI, E. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRITO, L. S. Histórias e memórias institucionais captadas a partir do estudo de acervos fotográficos. *DataGramaZero*, Rio de Janeiro, v.11, n.3, não paginado, jun. 2010. Disponível em: http://www.dgz.org.br/jun10/Art_02.html . Acesso em: 30 nov. 2014.

GONDAR, J. Memória, poder e resistência. In: _____; BARRENECHEA, M. A. de. (Org.). *Memória e espaço: trilhas do contemporâneo*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003.

GUINCHAT, C.; MENO, M. *Introdução geral às ciências e técnicas da informação e documentação*. Brasília: IBICT, 1994.

HAESBAERT, R. Território e multiterritorialidade: um debate. *GEOgraphia*, v. 9, n. 17, 8 fev. 2010. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13531>. Acesso em: 19 set. 2023.

HALL, S. *Quem precisa de identidade?* In: SILVA, T. T. da (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. Disponível em: https://tonaniblog.wordpress.com/wp-content/uploads/2019/03/tomaz-tadeu_identidade-e-diferenc3a7a.pdf. Acesso em 13 ago. 2024.

HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1990.

LE GOFF, J. *História e memória*. 5. ed. Campinas, SP: UNICAMP, 2003.

MAB. *O Lucro não vale a vida: análise do MAB sobre o crime da Vale em Brumadinho/MG*. Ministério do Desenvolvimento Agrário – MDA: Brasília, DF, 2019. Disponível em: <https://issuu.com/mabnacional/docs/cartilha-brumadinho-2019-web>. Acesso em: 30 nov. 2023.

MARQUES, A. C. S. Entre a política e a estética: uma abordagem comunicacional de questões de justiça. In: Ângela Cristina Salgueiro Marques (Org.). *Vulnerabilidades, justiça e resistências nas interações comunicativas*. 1ed. Belo Horizonte: *Selo PPGCOM*, v. 1, p. 12-42, 2018. Disponível em: <https://seloppgcom.fafich.ufmg.br/novo/publicacao/vulnerabilidades-justica-eresistencia-nas-interacoes-comunicativas/>. Acesso em: 25 ago. 2022.

OLIVEIRA, M.C. G. O uso social da informação na rede de desenvolvimento de Santo Amaro. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 9., 2008, São Paulo. *Anais...* São Paulo: USP, 2008. p. 1-15. Disponível em: <http://enancib.ibict.br/index.php/enancib/ixenancib/paper/viewFile/3073/2199>. Acesso em: 15 abr. 2023.

PICADO, B. O Fantasma da Teoria: o que significa “ver-através” de fotografias?. *Revista de Comunicação e Linguagens Journal of Communication and Languages*, n. 53, 2020. Disponível em: <https://rcl.fsch.unl.pt/index.php/rcl/article/view/15>. Acesso em: 20 out. 2023.

ROMANOVSKY, L. M. Roman Jakobson: abordagem semiótica da fotografia como imagem narrativa da imigração judaica nas décadas de 30 e 40. In: ENCONTRO DE HISTÓRIA DA ARTE, 5., 2009, Campinas, SP. *Atas...* Campinas: UNICAMP, 2009. p. 362-369. Disponível em: <http://www.unicamp.br/chaa/eha/atas/2009/ROMANOVSKY,%20Ludmila%20Menezes%20-%20VEHA.pdf>. Acesso em: 16 jul. 2016.

SANTOS, M. *A Natureza do Espaço: técnica, tempo, razão e emoção.* São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SILVA, T. T. *A produção social da identidade e da diferença.* In: _____ (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais.* Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. https://tonaniblog.wordpress.com/wp-content/uploads/2019/03/tomaz-tadeu_identidade-e-diferenc3a7a.pdf. Acesso em 13 ago. 2024.

WOODWARD, K. *Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual.* In: SILVA, T. T. da (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais.* Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. https://tonaniblog.wordpress.com/wp-content/uploads/2019/03/tomaz-tadeu_identidade-e-diferenc3a7a.pdf. Acesso em 13 ago. 2024.